

Panorama da Insustentabilidade do Modelo Químico Dependente da Agricultura Brasileira

Lia Giraldo da Silva Augusto – UPE e FIOCRUZ

Trazemos para o debate o dossiê da ABRASCO sobre os impactos do agrotóxico na saúde humana e seus desafios para a ciência. O processo produtivo agrícola brasileiro esta cada vez mais dependente dos agrotóxicos e fertilizantes químicos. Segundo dados da Agencia Nacional de Vigilância Sanitária e do Observatório da Indústria dos Agrotóxicos da Universidade Federal do Paraná, divulgados durante o 2º. Seminário sobre Mercado de Agrotóxicos e Regulação, realizado em Brasília, em abril de 2012, enquanto nos últimos dez anos o mercado mundial de agrotóxicos cresceu 93%, o mercado brasileiro cresceu 190%.

Em 2008, o Brasil ultrapassou os Estados Unidos e assumiu o posto de maior mercado mundial de agrotóxicos. Na ultima safra, que envolve o segundo semestre de 2010 e o primeiro semestre de 2011, o mercado nacional de agrotóxicos movimentou 936 mil toneladas de produtos, sendo 833 mil produzidas nos pais, e 246 mil importadas.

Em 2010, o mercado nacional movimentou cerca de US\$ 7,3 bilhões e representou 19% do mercado global de agrotóxicos. Em 2011 houve um aumento de 16,3% das vendas, alcançando US\$ 8,5 bilhões, sendo que as lavouras de soja, milho, algodão e cana-de-açúcar representam 80% do total das vendas do setor.

Essa quantidade gera uma media de uso de 12 litros por hectare e exposição media ambiental/ocupacional/alimentar de 4,5 litros de agrotóxicos por habitante. Cerca de 400 ingredientes ativos e 2.400 formulações de agrotóxicos estão registrados no Ministério da Saúde, MAPA e Ministério do Meio Ambiente (MMA) e são permitidos no Brasil de acordo com os critérios de uso e indicação estabelecidos em suas Monografias. Porem, dos 50 mais utilizados nas lavouras de nosso país, 22 é proibido na União Europeia.

Um terço dos alimentos consumidos cotidianamente pelos brasileiros está contaminado pelos agrotóxicos, segundo análise de amostras coletadas em todas as 26 Unidades Federadas do Brasil, realizados pelo Programa de Analise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos (PARA) da Anvisa (2011).

A problemática dos agrotóxicos em água para consumo humano no Brasil e um tema pouco pesquisado e com escasso numero de fontes oficiais de informações acessíveis para consulta.

A contaminação ambiental e alimentar pode ser constatada no leite materno. Parte dos agrotóxicos utilizados tem a capacidade de se dispersar no ambiente, e outra parte pode se acumular no organismo humano, inclusive no leite materno. O leite contaminado ao ser consumido pelos recém-nascidos pode provocar agravos à saúde, pois os mesmos são mais vulneráveis a exposição a agentes químicos presentes no ambiente, por suas características fisiológicas e por se alimentar, quase exclusivamente com o leite materno ate os seis meses de idade.

Existem muitas lacunas de conhecimento quando se trata de avaliar a multiexposição ou a exposição combinada de agrotóxicos. A grande maioria dos modelos de avaliação de risco serve apenas para analisar a exposição a um principio ativo ou produto formulado, enquanto que no mundo real as populações estão expostas a mistura de produtos tóxicos cujos efeitos sinérgicos (ou de potencializarão) são desconhecidos ou não são levados em consideração.

Além da exposição mista, as vias de penetração no organismo também são variadas, podendo ser oral, inalatória e ou dérmica simultaneamente. Estas concomitâncias não são consideradas nos estudos experimentais mesmo a partir da possibilidade de exposições por diferentes vias modificarem a toxicocinética do agrotóxico, podendo torna-lo ainda mais nocivo. As questões de saúde e ambientais relacionadas com o uso de agrotóxicos na produção agropecuária são complexas. Em Rio Verde – Go, no mês de maio de 2013, 40

crianças de uma escola rural foram intoxicadas pelo banho recebido de agrotóxicos por uma avião que jogava o veneno na plantação próxima da escola. Neste mês de julho, na Índia mais de 20 crianças morreram por terem consumido merenda escolar contaminada por agrotóxico. Estes fatos agudos e frequentes são apenas a ponta de um enorme iceberg de doenças devido a exposição aos agrotóxicos que estão ocultadas pela falta de informação nos sistemas de saúde da maioria dos países produtores agrícolas.

Para estudá-los vemos a insuficiência das disciplinas e das especialidades. O papel da ciência na modernidade denuncia sua submissão ao cálculo da utilidade e à maximização dos lucros no mercado, acentuando as contradições do sistemasocial e repercutindo nas condições de vida e de saúde das populações. O primado positivista que se consolidou como um instrumento de manipulação da natureza em benefício de um sistema produtivo excludente e de uma ordem social segregadora, apresenta no interior de sua essência incongruências estruturais, denunciando sua incapacidade em oferecer respostas aos problemas atuais.

O avanço tecnológico proporcionado pelo modelo de ciência coloca em xeque a própria sobrevivência da humanidade. O planeta Terra passa por intensas transformações técnico-científicas que põem em risco a sobrevivência da própria humanidade, necessitando de urgentes transformações para remediar o quadro atual.

Por todas estas questões, debater o tema do papel da ciência como gerador de tecnologias nocivas ou de estratégias protetoras da saúde e do ambiente é oportuno no contexto brasileiro, onde o privilegiamento do uso de agrotóxicos, mediante um modelo produtivo regido pelos interesses do agronegócio, tornando o Brasil o maior mercado de consumo desses agroquímicos.